

7 Acento secundário em duas variedades de português: uma análise baseada na OT*

FILOMENA SANDALO[†] & MARIA BERNADETE ABAURRE[‡]

1 Introdução

Este trabalho apresenta uma análise do acento secundário no português brasileiro e no português europeu (PB e PE) baseada na Teoria da Otimalidade (OT). Procuramos mostrar que uma análise representacional: (i) gera todos os fatos do PB e do PE sem a necessidade de postular nenhum caso de neutralização absoluta; (ii) não força o uso da noção de direcionalidade, o que implica uma simplificação da teoria fonológica; e (iii) é capaz de gerar, em paralelo, formas variantes.

Embora tanto o PB como o PE atribuam o acento primário exatamente à mesma sílaba das palavras, a atribuição do acento secundário (ou acento rítmico) é consideravelmente diferente, como se pode ver abaixo. Os exemplos de (1) a (6) representam alguns casos possíveis de colocação de acento secundário em PB e PE, de acordo com o julgamento de falantes nativos de ambas as variedades. As sílabas portadoras de acento primário estão em **negrito** e aquelas portadoras de acento secundário estão sublinhadas:

- PE: (1) a. A inteligência da catalogadora **foi** determinante ~
b. A inteligência da catalogadora **foi** determinante ~
c. A inteligência da catalogadora **foi** determinante ~
d. A inteligência da catalogadora **foi** determinante
- PB: (2) a. A inteligência da catalogadora **foi** determinante ~
b. A inteligência da catalogadora **foi** determinante
- PE: (3) a. A modernização **foi** satisfatória ~
b. A modernização **foi** satisfatória

* A pesquisa na qual se baseia este trabalho foi financiada pela FAPESP e pelo CNPq e é uma versão reduzida de trabalho de Sandalo, Abaurre, Mandel & Galves (2006), publicado em *PROBUS 18 Secondary stress in two varieties of Portuguese and the Sotaq optimality based computer program*. Concentramo-nos, neste texto, na análise lingüística baseada em restrições utilizada no programa Sotaq, desenvolvido por A. Mandel (IME/USP). O corpus utilizado no trabalho, assim como o programa Sotaq, podem ser encontrados em <http://www.ime.usp.br/~tycho/prosody/>. A primeira tentativa de abordar as diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro com base em um ranking de restrições foi proposta em Abaurre & Galves (1998), e este trabalho é um desenvolvimento do insight inicial dessas autoras.

[†] Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas/CNPq.

[‡] Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas/CNPq.

- PB: (4) a. A modernização foi satisfatória.
- PE: (5) a. A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora ~
b. A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora
- PB: (6) a. A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora ~
b. A catalogadora compreendeu o trabalho da pesquisadora

Os fatos relativos aos acentos primário e secundário no português favorecem a hipótese de Hulst (1997), segundo a qual o acento primário não é um acento métrico. Hulst observa que, na maioria das línguas, a atribuição do acento primário não depende de uma marcação prévia exaustiva de pés. Com efeito, a atribuição de acentos secundários em PB e PE independe do acento primário.

Seguindo a proposta de Hayes (1995) para o espanhol, assumimos, neste trabalho, que o acento primário em português é parte da informação lexical. Isto quer dizer que ele não é atribuído metricamente, embora seja, até certo ponto, previsível. Baseamos este nosso pressuposto no fato de que, embora o acento primário caia em uma das últimas três sílabas da palavra, nenhuma das análises métricas propostas para o português é capaz de prever com sucesso em qual das três sílabas finais da palavra recai esse acento sem um uso excessivo da noção de extrametricidade, como discutiremos abaixo.

Considerando que muitas palavras do português têm o acento primário na última sílaba se ela for pesada, vários autores postularam que o acento primário é atribuído a partir da construção, da direita para a esquerda, de pés troqueus moraicos não-iterativos. Essa é, por exemplo, a análise proposta por Wetzels (1997), Bisol (1992a, 2000b) e Massini-Cagliari (1995), dentre outros. No entanto, algo deve ser dito a respeito do número significativo de palavras terminadas em sílabas leves que são portadoras de acento na última sílaba (e.g., *café*), e sobre o grande número de palavras com acento na antepenúltima sílaba (e.g., *pérola*). Além disso, embora cerca de 80% das palavras terminadas em sílabas pesadas sejam acentuadas na última sílaba (Bisol 1992a), há também muitas palavras com acento na penúltima sílaba ainda que a última seja pesada (e.g., *cadáver*). De acordo com essa análise, a maioria das exceções é tratada recorrendo-se à noção de extrametricidade silábica ou de moras, no caso de acento na penúltima sílaba de palavras terminadas em sílabas pesadas. Para Bisol (1992a), essas palavras terminam por uma consoante que se manifesta superficialmente apenas quando um sufixo derivacional é acrescentado ao radical (e.g., *café/cafeteira*). Massini-Cagliari, por outro lado, postula vogais subjacentemente longas (i.e, vogais que contam como duas moras) em posição final, nesses mesmos casos. Ambas as análises parecem arbitrárias, seja porque a consoante subjacente pode ser mais bem analisada como epentética ou mesmo como parte do morfema derivacional (cf. Cote 2003, para uma análise de diferentes

ocorrências da *liaison* em Francês), seja porque é complicado postular vogais longas no léxico das línguas românicas (cf. Andrade & Laks 1991), especialmente se são postuladas como fonemas que ocorrem apenas em posição final de palavras.

Dado o alto número de palavras que continuam sem explicação, do ponto de vista da ocorrência do acento primário, em análises que postulam troqueus moraicos no português, Lee (1994) revisita Câmara Jr (1953) e postula que /e/, /a/ e /o/ em posição final de nomes são vogais temáticas que estão fora do domínio do acento. De acordo com Lee, o domínio do acento em português é a raiz, não o radical, e a atribuição de acento primário baseia-se em um padrão iâmbico não-iterativo. De acordo com a sua análise, palavras como *mesa* têm acento na penúltima sílaba porque sua última vogal é a vogal temática, ou seja, um sufixo, e está, portanto, fora do domínio do acento. Palavras como *café*, por outro lado, têm acento na última sílaba porque não têm vogal temática. Embora a análise de Lee tenha a vantagem de diminuir o número de exceções, ela é circular para um determinado conjunto de palavras, porque só podemos saber se uma vogal é temática ou não (ou seja, um sufixo) nessas palavras, se soubermos se ela é ou não acentuada (cf, e.g., *mesa* e *sofá*). Além da circularidade, esta análise tem ainda muitas exceções, já que palavras com padrão de acentuação proparoxítona e palavras proparoxítonas terminadas em sílaba pesada permanecem não explicadas, e a extrametricidade das sílabas e das moras continua necessária.¹

Em suma, embora uma análise métrica possa explicar o acento primário em um grande número de casos, ambas as alternativas de análise métrica aqui mencionadas requerem um uso considerável da extrametricidade lexical —ou de outros recursos *ad hoc* no caso das oxítonas com sílaba final leve— para resolver exceções, o que sugere que é mais econômico postular que o acento primário é fonêmico, na língua. Hayes (1995) chega a essa conclusão para o espanhol, cujos fatos relativos ao acento primário são muito semelhantes aos do português (Harris 1983). De acordo com Hayes, “main stress in Spanish is phonemic, though it can be predicted to a fair extent by complex lexical rules, whose character continues to be debated”.²

¹ Há também algumas análises do acento primário em português no quadro da OT: Sandalo (1999), Lee (2002), Bonilha (2004, 2005). Todas essas análises assumem que o acento primário é previsível. Para dar conta da existência de padrões trocaicos e iâmbicos nos nomes do PB, Lee propõe duas hierarquias; Sandalo explora a idéia de acento determinado pela sonoridade, conforme proposta de Kenstowicz (1994). Bonilha, como Sandalo, inspira-se também na proposta de Kenstowicz, associando-a às idéias expostas em Gordon (1999, 2002).

² Observe-se que a posição do acento primário em português muda quando sufixos são associados para formar novas palavras (e.g. *moderno*, *modernização*). O acento primário do radical pode, nesses casos, manter-se na forma de acento secundário (*modernização*) sob foco estreito, embora, sob foco largo, o acento secundário se manifeste na primeira sílaba de palavras com este padrão silábico (*modernização*). Seria possível argumentar que atribuir acento primário no input também no caso de palavras derivadas significaria uma perda em

Passamos, agora, à questão central deste texto, ou seja, a colocação do acento secundário, fenômeno que diferencia, de uma maneira não trivial, o português do Brasil e o português europeu.

Sabe-se que a acentuação secundária no português do Brasil, como no espanhol, segue um padrão binário (Carvalho 1988, Collischonn 1993, Abaurre & Galves 1998, entre outros). Como no espanhol, as exceções ao padrão binário, no PB, correspondem aos casos de dâtilos iniciais (ver Harris 1989, para o espanhol e Collischonn 1993, para o português do Brasil). Não há consenso, no entanto, com relação à descrição da acentuação secundária no português europeu. Andrade & Laks (1991) propõem que o acento secundário seja atribuído, em PE, através da construção de pés binários. Carvalho (1988, 1989) sustenta, por outro lado, que o acento secundário é atribuído através de pés ternários. Mais recentemente, Frota (1998) e Vigário (1998) assumem que a acentuação secundária não é obrigatória, em PE e, se ocorre, tende a manifestar-se em pés ilimitados. Vigário (2003) afirma que a posição inicial de palavras fonológicas porta acento não-primário em PE. Dada a falta de consenso a respeito da acentuação secundária em PE, decidimos construir um *corpus* para análise. Esse *corpus* tem dois objetivos: (i) permitir uma visão mais precisa do fenômeno da acentuação secundária em PE, e (ii) levar à formulação de hipóteses sobre a atribuição desse tipo de acento que possam ser checadas com base na intuição de falantes nativos e na observação de mais dados, quando necessário.

O *corpus* é constituído de 20 sentenças, que foram lidas três vezes por três falantes nativos de português de Lisboa, e por dois falantes nativos de português do estado de São Paulo. Os dados foram transcritos com base na percepção auditiva, mas foram usados espectrogramas como suporte para as transcrições. Nossa análise propõe-se dar conta do fenômeno da acentuação secundária em uma taxa de elocução normal, em sentenças que transmitem nova informação (foco largo), como nas manchetes de jornais. A fala lenta e deliberada pode ser contexto para a manifestação de padrões de acentuação

economia e que, portanto, uma análise derivacional baseada na fonologia Lexical seria mais adequada. Uma possibilidade de evitar esse problema, no entanto, é oferecida em Kager (2000) que, analisando a relação entre acento e afixação no holandês, fornece evidência a favor da superioridade de uma análise representacional baseada na correspondência, com relação a uma análise derivacional/cíclica. De acordo com Kager, alguns efeitos de bloqueio governados pelo acento, na afixação, que não podem ser capturados na Fonologia Lexical, decorrem naturalmente da interação entre restrições fonológicas e morfológicas. Esse tipo de análise poderia, provavelmente, aplicar-se também ao português. Mas deixaremos este assunto para trabalhos posteriores. Neste trabalho, objetivando simplificar a análise, manteremos a proposta de Hayes (1995) de tomar o acento primário como informação constante do input. Em decorrência dessa decisão, postulamos, aqui, uma restrição (RIGHTMOST) que força o acento primário a manifestar-se no último pé da palavra, o que, em alguns casos, força esse acento a mudar para um sufixo.

$$(8) \begin{array}{ccc} \left(\begin{array}{ccccccc} & & & & & & x \\ (x) & & (x) & (x) & (x) & & \\ \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma \end{array} \right) & \longrightarrow & \left(\begin{array}{ccccccc} & & & & & & x \\ (x) & & (x) & (x) & (x) & & \\ \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma \end{array} \right) \\ \underline{\text{cons}} \text{ tan ti } \underline{\text{no}} \text{ po } \underline{\text{li}} \text{ ta } \text{nis mo} & & \underline{\text{cons}} \text{ tan ti } \underline{\text{no}} \text{ po } \underline{\text{li}} \text{ ta } \text{nis mo} \end{array}$$

$$(9) \begin{array}{ccc} \left(\begin{array}{ccccccc} & & & & & & x \\ (x) & & (x) & (x) & (x) & & \\ \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma \end{array} \right) & & \\ \text{cons } \underline{\text{tan}} \text{ ti } \underline{\text{no}} \text{ po } \underline{\text{li}} \text{ ta } \text{nis mo} & & \end{array}$$

Hayes (1995: 97) observa: “the crucial point of Harris’s analysis is that it relies on a temporary degenerate foot, set up in the middle of the derivation (7), that either is expanded into a proper foot by destressing and reparing, or is itself deleted.” Em nenhum dos dois casos o pé degenerado se superficializa e, de acordo com Hayes, este fato mostra que o ponto crucial da fonologia do espanhol é a presença de uma restrição que bane pés degenerados.

Poder-se-ia argumentar que a análise de Harris poderia dar conta dos fatos do português. Nossos dados, no entanto, mostram que essa análise enfrenta problemas empíricos, como discutiremos abaixo.

Uma análise acústica dos fatos do PB mostra que muitas palavras que contêm um número ímpar de sílabas sofrem um processo de apagamento de vogal. O fato de que a vogal /i/ e outras vogais não baixas podem ser elididas em posição não acentuada no contexto t_s foi observado por Bisol (1991) e o fato de que vogais não baixas podem ser apagadas entre consoantes (coronais) homorgânicas foi apontado por Bisol & Hora (1993). O apagamento discutido por esses autores ocorre independentemente da estrutura métrica (cf. *satisfatória* e *satisfeito*, onde o /i/ pode sempre ser apagado entre o /t/ e o /s/). Observamos, no entanto, que há outros contextos que permitem o apagamento de vogal apenas se o número de sílabas da palavra for ímpar. Considerando-se, por exemplo, o par *modernização* (cinco sílabas) e *modernizaria* (seis sílabas), com acento secundário na sílaba inicial, observa-se que o apagamento de /i/ ocorre apenas no primeiro caso. Consideramos esse último caso de apagamento de vogal um apagamento rítmico.

Em outras palavras, a sílaba que na análise de Harris é deixada não parseada é aquela que, no PB, em alguns contextos, não se realiza porque sofre apagamento. Assim, uma das possíveis realizações de uma palavra como *constantinopolitano* é *constan[tn]opolitano*, com apagamento da vogal /i/ entre as consoantes coronais homorgânicas /t/ e /n/. Desse apagamento resulta uma estrutura binária perfeita, em termos de pés: ((constant)_Σ (nopo)_Σ (lita)_Σ (nismo)_Σ)_ω. Alguém poderia argumentar que a

estratégia empregada pelo português brasileiro para evitar pés degenerados é o apagamento de vogal (em vez do simples reparseamento). Assim, uma análise na linha daquela proposta por Harris poderia ser proposta, contanto que incorporasse uma regra de apagamento de /i/. O fenômeno do apagamento de vogais em PB, no entanto, indica que os fatos são mais complexos do que uma análise métrica poderia prever. As palavras contendo um número ímpar de sílabas podem ser o alvo para o apagamento rítmico de vogal, o que sugere que de fato estamos diante de uma língua que prefere evitar pés degenerados, como sugere Harris. A realização registrada no *corpus* para o dado apresentado em (10), no entanto, é problemática para a Teoria Métrica porque, se o acento secundário resulta de uma alternância na ocorrência de acento e não-acento da direita para a esquerda nas sílabas que precedem a sílaba portadora de acento primário, não haveria razão para o apagamento de vogal, uma vez que existem quatro sílabas precedendo a sílaba com o acento primário em *modernização* e, portanto, uma alternância binária perfeita resultaria de um parseamento métrico das sílabas pretônicas.

Em (10), o apagamento vocálico prosodicamente induzido somente faz sentido se assumirmos que há uma restrição que força a ocorrência de pés binários na palavra como um todo (i.e. (mo dern)_Σ (za **çã**o)_Σω), e que não é necessário introduzir direcionalidade (i.e., contagem da direita para a esquerda a partir do acento primário) para obter binariedade por meio da alternância perfeita entre sílabas fortes e fracas, como previsto por uma análise baseada na Teoria Métrica. Observe-se que as palavras que têm um número par de sílabas não sofrem apagamento rítmico de vogal no PB. Interpretamos este fato como indicativo de que o apagamento rítmico não se faz necessário, nesses casos, pelo fato de essas palavras já terem uma estrutura binária (e.g., (mo der)_Σ (ni za)_Σ (**ri** a)_Σω).³

- (10) A modernização foi satisfatória
[a mo dern za **çã**o **foi** sats fa **tó** ria]

Portanto, o fato de que o apagamento rítmico pode ocorrer quando o número total de sílabas da palavra é ímpar é evidência contra uma análise derivacional do acento, segundo a qual o acento primário é gerado pela construção de pés no léxico e somente as vogais pretônicas constituem o domínio de aplicação do algoritmo de acento secundário no nível pós-lexical, conforme proposto por Harris (1989) para o espanhol e por Collischonn

³ Poder-se-ia argumentar que a direcionalidade não é realmente abolida desta análise, já que serão utilizadas restrições de alinhamento. Note-se, no entanto, que o resultado do Alinhamento Generalizado (*Generalized Alignment*, McCarthy & Prince 1993) em uma dada análise é fundamentalmente diferente do uso de um parâmetro de direcionalidade. Para discussão, ver Zoll (1998).

(1993) para o PB.⁴ É importante recordar que, em nossa análise, os acentos primários não são atribuídos a partir da construção de pés métricos no léxico. Tal pressuposto é para nós crucial, já que assumimos uma restrição que milita a favor da binariedade e toma inteiras palavras como domínios e não apenas sílabas pretônicas, como nas análises derivacionais. Em nossa análise baseada na TO, o acento primário é uma propriedade da sílaba e é indicado como parte do input. Os acentos primários lexicais não serão apagados, devido ao ranqueamento alto de uma restrição de fidelidade. Portanto, o pé que contém uma sílaba marcada lexicalmente como contendo um acento primário terá, como cabeça, essa sílaba portadora do acento primário. Pelo fato de os pés portadores de acentos primários serem gerados pelo mesmo recurso computacional, eles também sofrem pressão para serem binários. Esse é um ponto importante de nossa análise, uma vez que diferencia crucialmente uma análise em paralelo de uma análise derivacional.

Proporemos na próxima seção, em suma, que os fatos do português resultam de um conflito de forças e não da computação de sílabas alternantes fortes e fracas, como largamente assumido para o espanhol e também para o português do Brasil no quadro da Teoria Métrica. Nesse nosso sistema, derivaremos os fatos relativos aos dátilos iniciais sem postular pés degenerados que nunca se superficializam. Tais pés degenerados representam casos de neutralização absoluta, e é consensual que a neutralização absoluta deve ser evitada, dados os problemas que pode representar para a aquisição da linguagem. Dado que nossa análise na TO torna possível gerar casos de dátilos iniciais em que não ocorre apagamento de vogal, pode ser que ela possa também ser estendida para o espanhol, evitando-se a neutralização absoluta também na análise dos fatos dessa língua.

Um processo de apagamento de vogal que força um sistema binário já foi notado anteriormente (Bisol 2000b) com relação ao acento primário. Por exemplo, é sabido que palavras como *abóbora* são freqüentemente realizadas como *abobra*. Até onde sabemos, no entanto, esta é a primeira vez que um fenômeno semelhante é analisado com relação ao acento secundário. Abaurre

⁴ Como observado por Luigi Burzio (comunicação pessoal, 2003), nos nossos dados, a vogal que sofre apagamento rítmico é sempre a terceira. Uma análise padrão em OT faria a previsão de que qualquer vogal não baixa poderia ser apagada para se obter binariedade. Alguém poderia sustentar que teríamos, em consequência, um caso de opacidade que poderia ser usado como argumento contra uma análise representacional. Isto ocorre porque a terceira vogal está no pé mais fraco, assumindo-se que o primeiro pé é forte porque é o inicial (Beckman 1998) e, portanto, se poderia propor que os pés são parseados primeiro, e somente depois da construção dos pés a cabeça do pé mais fraco poderia ser apagada. De acordo com essa análise, teríamos ordenamento e um nível intermediário opaco. Observe-se, no entanto, que, se em um estudo mais detalhado se revelar verdadeiro que é sempre a terceira vogal que é apagada, uma maneira possível de resolver o problema e manter uma análise representacional seria recorrer às restrições-alvo propostas por Wilson (2000).

(1979) discute vários casos de apagamento de vogal no PB, mas o fenômeno não é associado à binariedade dos pés.

O português europeu difere do português brasileiro pelo fato de não ser um sistema binário, do ponto de vista rítmico. No português europeu, o início de uma sentença tende a ser proeminente, como já notado por Frota (1998) e Vigário (1998). Tal fato pode ser verificado no exemplo (11):

- (11) O investigador **já** me ofereceu dinheiro ~
 O investigador **já** me ofereceu dinheiro.

Em nosso *corpus*, encontramos também proeminências no início de domínios menores (cf. A catalogadora **compreendeu** o trabalho da pesquisadora). Argumentamos, aqui, que esse domínio é a palavra fonológica.⁵ A evidência vem de sentenças como:

- (12) A abelha rainha **oferece frequentemente** frutas.
A abelha rainha **frequentemente oferece** frutas.
 A catalogadora **compreendeu repentinamente** o trabalho da pesquisadora.
 A catalogadora **repentinamente compreendeu** o trabalho da pesquisadora.⁶

Como se pode notar nos exemplos, não há diferença na acentuação secundária se um advérbio segue ou precede um verbo. Se a frase fonológica, e não a palavra fonológica, fosse o domínio relevante, a proeminência no advérbio não deveria ser permitida quando o verbo precede o advérbio, já que neste caso o verbo e o advérbio estão na mesma frase fonológica. Explicamos a seguir.

O fato de que um advérbio pode ocorrer entre o verbo e seu objeto sugere que o verbo moveu-se de sua posição-base próxima do objeto, para uma projeção funcional mais alta (Costa 1988: 19-36). O advérbio pode, então, ser adjungido à esquerda da VP, onde segue o verbo movido. Seguimos a teoria de fraseamento fonológico de Selkirk (1986, 1995), de acordo com a qual as frases sintáticas e fonológicas são alinhadas à direita ou à esquerda; em português, elas são alinhadas à direita (Sandalo & Truckenbrodt 2002).⁷ A

⁵ Ver Vigário (2003) para a apresentação do algoritmo para formação da palavra fonológica (prosódica) no PE, e para uma discussão da importância desse domínio na língua. Note-se, também, que, até onde se sabe, Vigário (2003) foi quem primeiro apontou que a posição inicial da palavra fonológica é proeminente, no PE.

⁶ Observe-se que o determinante *o* não recebe acento secundário em *A catalogadora repentinamente compreendeu o trabalho da pesquisadora*, porque isso criaria um choque acentual já que a forma verbal *compreendeu* tem acento primário na última sílaba. A respeito de restrições violáveis contra choques de acento, ver a seção 3.

⁷ Selkirk (1986) propôs uma teoria universal do mapeamento sintaxe-fonologia em que baseou-se especialmente no alinhamento frasal orientado para a borda direita em Chi Mwi:ni. A teoria foi posteriormente formulada com base na Teoria da Otimalidade em Selkirk (1995), trabalho

borda direita de um verbo na seqüência verbo-advérbio, não sendo ela mesma de natureza frasal, não cria uma fronteira de frase fonológica, motivo pelo qual o verbo e o advérbio são agrupados no interior de uma única frase fonológica. Não se esperaria, portanto, acento no advérbio no caso de seqüências verbo-advérbio se o domínio relevante fosse a frase fonológica, porque a sílaba inicial do advérbio estaria no meio da frase fonológica e não no seu início. Uma vez que a posição inicial de um advérbio pode, no entanto, ser portadora de proeminência na seqüência verbo-advérbio, tem-se aqui evidência de que o domínio prosódico relevante, no caso, é menor do que a frase fonológica, a saber, a palavra fonológica.

O fato importante é que o português europeu exibe pés ilimitados resultantes da atribuição do acento secundário. A transcrição dos nossos dados conforme feita por três falantes nativos do PE não indica alternâncias binárias nem ternárias.⁸

Outro aspecto que diferencia o PE do PB com relação à acentuação secundária diz respeito ao fato de as palavras funcionais poderem receber acento secundário em PE (*A catalogadora* ~ *A catalogadora*). Ou seja, o PE aceita que o acento secundário recaia tanto na palavra funcional que inicia uma palavra fonológica, como na primeira sílaba da primeira palavra lexical de uma palavra fonológica. No PE, as palavras funcionais nunca recebem acento em pronúncias não-enfáticas. Finalmente, PE e PB também se diferenciam pelo fato de que somente em PE existe a opção de não atribuir proeminências secundárias às palavras com mais de uma sílaba pretônica (cf. *Q investigador já lhe devolveu o dinheiro*).

A variação relativa à colocação do acento secundário em PE e PE é problemática para a Teoria Métrica porque, em uma análise derivacional,

em que a noção de alinhamento orientado pelas bordas (Selkirk 1986) foi expandida com base na teoria do alinhamento Generalizado (McCarthy and Prince 1993).

⁸ É bem conhecida a observação de que palavras morfológicamente complexas podem manter algumas propriedades de seu radical. Por exemplo, o acento primário pode ser preservado como secundário nas palavras derivadas do inglês (Chomsky & Halle 1968). Note-se que, embora em nosso *corpus* ocorram palavras derivadas, não levamos em consideração a re-atribuição de colchetes, indicativa de operações morfológicas, em nossa análise do acento secundário, porque nosso *corpus* não traz indicações de que acentos primários sejam reinterpretados como secundários depois da afixação, quando as sentenças/palavras são elicitadas com foco largo. Andrade & Laks (1991) argumentam, no entanto, que a morfologia de fato tem um papel na acentuação secundária do PE. Notamos que a morfologia pode desempenhar um papel quando as palavras são elicitadas com foco estreito, como mencionamos na nota 1, o que pode explicar a discrepância dos dados desses autores com relação a outras análises do PE. Questionamos, no entanto, a existência da binariedade no PE em palavras não derivadas. De fato, Andrade & Viana (1999) não transcrevem a binariedade em palavras não derivadas como *Tegucigalpa*, que é transcrita por Andrade & Laks como *Tegucigalpa*. Como mencionamos anteriormente, uma análise mais detalhada das palavras derivadas em português pode provavelmente ser conduzida na linha de Kager (2000), em uma perspectiva representacional.

teríamos de postular que uma forma é a forma *default* e derivar a outra forma por meio de regras de rearranjo. Dado que o PE apresenta uma gama de variações que inclui até a possibilidade de não atribuição de acentos secundários, as regras de rearranjo para o PE poderiam ser tão complexas a ponto de tornar complexa demais uma análise derivacional.

Lembre-mo-nos, neste momento, que o PB apresenta um fenômeno de apagamento de vogais ritmicamente motivado. Sabe-se que o PE também apresenta apagamento vocálico (Mateus 1975, Mateus *et al.* 1983, Mateus & Andrade 2000). Acreditamos que o apagamento de vogais também é influenciado pelo ritmo no PE porque, de acordo com Vigário (2003), o apagamento de [ɨ] e [u] é muito produtivo em PE, mas, segundo essa autora, “the presence of a prosodic word initial (non-primary) stress disfavors the deletion of [ɨ] and [u] in prosodic word initial position”. Embora a afirmação de Vigário indique que o apagamento de vogal e o acento são fenômenos relacionados no PE, não vamos aqui desenvolver uma análise desse fenômeno porque não dispomos de uma descrição acurada dos fatos nem intuições que nos permitam desenvolver tal descrição. Algumas das questões que teriam de ser enfrentadas de maneira sistemática seriam: quantas vogais podem ser apagadas por pé? Que tipos de codas podem ser criadas?

Não proporemos restrições para dar conta dos fatos do PB e do PE relativos ao apagamento de vogais neste ponto do nosso trabalho, porque ainda não chegamos a uma compreensão plena dos fatos do PE. Além disso, embora tenhamos um melhor conhecimento dos fatos do PB, ainda não compreendemos satisfatoriamente a relação entre métrica e silabificação nesta língua. Sabemos apenas que codas não usuais podem ser criadas de forma a garantir a binariedade, mas não acreditamos que não haja limitações com relação a tais codas, uma vez que em nossos dados o apagamento sempre envolve um segmento coronal que é, na maior parte dos casos observados, sonorante, na coda resultante do apagamento (cf. *modern(i)zação*; codas com a seqüência [r n] não são produtivas em PB, mas a seqüência ainda obedece à escala de sonoridade, pois na variedade estudada o /r/ na coda é realizado como uma aproximante). Em outras palavras, optamos por evitar a abordagem do apagamento de vogais nesta altura do desenvolvimento do nosso trabalho, por não dispormos de uma descrição completa dos fatos. É, no entanto, crucial implementar o apagamento rítmico de vogais para gerar os fatos corretos relativos ao acento secundário nesta variedade de português, na abordagem baseada na OT que será proposta na seção seguinte.

Em conclusão, uma análise na OT apresenta as seguintes vantagens: (i) gera os fatos do português brasileiro e do português europeu sem a necessidade de postular nenhum caso de neutralização absoluta; (ii) não força o uso da noção de direcionalidade, o que implica simplificação da teoria fonológica; e (iii) é capaz de gerar formas variantes em paralelo.

3 Uma análise baseada na Teoria da Otimalidade

Passamos agora a descrever nosso modelo de análise baseado na OT.

Trabalhamos a partir das seguintes suposições. Os inputs serão sentenças de uma dada língua (no nosso caso, PB ou PE). As estruturas atribuídas por *Gen* para cada input são decomposições em termos de pés. Na divisão em pés fornecida por *Gen*, cada sílaba está contida exclusivamente dentro de um pé. Além disso, esse modelo contém uma restrição específica de localidade sobre o tipo de restrições que estamos considerando: cada restrição deve ser checável considerando-se cada pé individualmente, **ou** checando-se cada par de pés adjacentes. A maioria das restrições já utilizadas em outros trabalhos em OT pode ser expressas desta forma, de maneira que não estamos nos arriscando demais. Um aspecto importante do nosso modelo é que não nos restringimos a um ranqueamento estrito de restrições, mas aceitamos completamente a possibilidade de trabalhar com algumas restrições não ranqueadas. Prince & Smolensky (1993) mencionam que o ranqueamento livre é uma possibilidade de dar conta da aplicação opcional de regras, e essa idéia tem sido aceita, desde então, por vários autores (dentre outros, Kager 1994, 1997, Anttila 1995). A razão para essa nossa opção é a grande quantidade de variação livre observada em nossos dados e a impossibilidade de dar conta dessa variação hierarquias de dominação estritas.⁹

As restrições julgadas relevantes para nossa análise são as apresentadas a seguir. Observe-se que descrevemos cada restrição de duas maneiras: uma forma intencional (em itálico), que procura traduzir uma idéia da função da restrição, e uma explicitação formal, indicando quando uma marca de violação deve ser atribuída.

A. Restrição de Fidelidade. Na OT, as restrições de marca e de fidelidade são inerentemente conflitantes (Prince & Smolensky 1993). O ranking das restrições de fidelidade e de marca decide o que se preserva do léxico. Utilizamos aqui uma restrição de fidelidade para garantir que os acentos primários sejam preservados, já que, como se viu anteriormente, os acentos primários são idênticos em PB e em PE e não são modificados pela aplicação da acentuação secundária. Esta restrição de fidelidade baseia-se na Teoria da

⁹ Observe-se, no entanto, que não é claro se o ranqueamento livre pode ser aprendido (ver, por exemplo, o algoritmo de aprendizagem de Tesar & Smolensky 1998, que pressupõe a dominação estrita). A ocorrência de grande quantidade de variação, como nos fatos relativos ao acento secundário do PE, e a necessidade daí decorrente de utilizar restrições não ranqueadas, pode abrir caminho para uma visão probabilística da interação entre restrições, idéia já considerada por Kager (1999).

Correspondência (McCarthy & Prince 1995b) e é nomeada a partir da família de restrições rotulada como MAXIMALITY (MAX), que garante que o material lexical não seja apagado:

MAXST: *O apagamento de acentos lexicais não é permitido. Violada por um pé contendo acento fonêmico (i.e., uma sílaba acentuada no input) que não vem rotulado como portador de acento primário.*

B. Restrições de Marca. As restrições de marca requerem que as formas de output sigam alguns critérios de boa-formação. As restrições de marca referem-se apenas ao output e são cegas com relação ao léxico. Se não há nenhuma restrição de fidelidade em conflito com restrições de marca, o léxico pode ser completamente modificado. As seguintes restrições de marca, entrando em conflito com MAXST, geram a acentuação secundária do português. O ranqueamento diferente dessas restrições de marca gera o ritmo diferente do português brasileiro e do português europeu:

FOOTBIN/BINGRAD: *Os pés devem ser binários.* É sabido que as línguas acentuais têm uma clara tendência a manifestar padrões rítmicos e que o ritmo binário é o mais comum (Hayes 1995). Um ritmo binário é forçado na OT pela restrição prosódica de marca FOOTBIN, primeiramente formulada por Prince (1980) e adotada por Prince & Smolensky (1993). Esta restrição é violada por um pé que não tenha exatamente duas sílabas. BINGRAD é uma forma gradiente desta mesma restrição: os pés longos contam uma violação para cada sílaba que exceda as duas iniciais.

PARSE: *Todas as sílabas devem ser parseadas em pés.* Kager (1999) chama a atenção para o fato de que FOOTBIN não é suficiente para gerar um ritmo binário (i.e., uma alternância binária de sílabas fortes e fracas). Tal alternância requer que todas as sílabas sejam parseadas em pés. (Hayes 1980, Halle & Vergnaud 1987, Prince & Smolensky 1993). Violada por toda sílaba que não é uma palavra funcional e que não esteja incluída em um pé.

Segue-se da propriedade rítmica das línguas naturais que sílabas acentuadas adjacentes devem ser evitadas, assim como sílabas adjacentes não acentuadas. Restrições que proíbem choques de acento têm suas raízes em trabalhos que antecederam a OT, e.g. em Liberman (1975), Liberman & Prince (1977), Prince (1983), Hammond (1984), Selkirk (1984). Apresentamos as seguintes restrições que militam contra os choques de acento e os lapsos acentuais:

NOCLASH: *Sílabas adjacentes não podem ser acentuadas*. Violada por um par de pés sucessivos cujas cabeças são adjacentes.¹⁰

CLASHINT: *Sílabas acentuadas no interior de uma palavra lexical não podem ser adjacentes*. Semelhante a NOCLASH, mas penaliza choques acentuais no interior de uma mesma palavra.

CLASHEXT: *Sílabas acentuadas em palavras sucessivas não podem ser adjacentes*. Semelhante a NOCLASH, mas penaliza choques através de juntura de palavras.

NOLAPSE: *Sílabas não acentuadas dentro de um pé medial não podem ser adjacentes*. (Green & Kenstowicz, 1995). Violada por um pé interno (que não ocorre nem no início nem no final da palavra lexical) que contenha duas sílabas não acentuadas adjacentes.

C. Restrições de Alinhamento. A noção de alinhamento teve origem na Fonologia Prosódica (Selkirk 1986). O alinhamento serve para definir os domínios dos constituintes prosódicos. Na OT, a noção de alinhamento foi primeiramente utilizada por Prince & Smolensky (1993) (e.g., a restrição EDGEMOST) e posteriormente desenvolvida por McCarthy & Prince (1993). McCarthy & Prince propõem que todos os domínios lingüísticos sejam definidos em termos de restrições de alinhamento generalizadas. Empregamos as restrições apresentadas a seguir para definir os domínios de acento do português. O ranqueamento diferente dessas restrições vai gerar os diferentes domínios de acento no português brasileiro e no português europeu. Lembremo-nos de que o domínio do acento secundário no PB é a palavra lexical, uma vez que uma palavra funcional nunca pode ser portadora de acento, enquanto PE autoriza que toda a palavra fonológica seja domínio para o acento secundário, já que uma palavra funcional pode receber acento secundário.

RIGHTMOST: *Alinhar (Hd-FT, Right, PrWd, Right)*. Sabe-se que todas as línguas conhecidas têm acento primário no interior de uma janela situada em uma das bordas do domínio relevante. RIGHTMOST simplesmente localiza à direita a janela para o português. As restrições nomeadas a partir de EDGEMOST (Prince & Smolensky 1993) alinham o pé mais forte (ou pé-

¹⁰ É importante notar que, embora a restrição geral NOCLASH tenha sido aqui apresentada, não a utilizamos em nossa análise. Apresentamos essa restrição geral, na verdade, para poder introduzir as restrições mais específicas que serão efetivamente usadas na análise do português: CLASHINT, CLASHEXT.

cabeça) com uma borda específica da palavra. RIGHTMOST alinha o pé-cabeça com a borda direita de uma palavra lexical e garante que pés com acentuação secundária não sejam gerados na borda direita de uma palavra lexical. Violada por um pé portador de acento primário que não contenha a última sílaba da palavra.

ALIGN: *Alinhar (FT, L, PHW L)*. Esta restrição força todo pé a ter sua fronteira esquerda alinhada com a borda esquerda de uma palavra fonológica. É típico de línguas acentuais que constituintes sintáticos ou prosódicos tenham um único pico prosódico (propriedade culminativa do acento). Isto é importante para o PE, que permite um acento secundário por palavra fonológica. Seguindo McCarthy & Prince, podemos dizer que esse fato é forçado por uma restrição de alinhamento. Uma vez que esta restrição alinha a fronteira esquerda de um pé com a fronteira esquerda de uma palavra fonológica, ela força a inclusão de palavras funcionais em um pé. Violada por um pé regular cuja fronteira esquerda não é a fronteira esquerda de uma palavra fonológica.

INTLEX: *Não se podem formar pés com sílabas pertencentes a palavras diferentes*. Até onde sabemos, esta restrição foi primeiramente mencionada em Abaurre & Galves (1998). Tem suas raízes na noção de *integridade lexical* da sintaxe, de acordo com a qual nenhum processo sintático pode se referir exclusivamente a partes de palavras. Estendemos aqui esta noção à fonologia. Aplicada à fonologia, ela deve ser entendida como uma proibição relativa à formação de domínios prosódicos superiores usando apenas parte(s) de domínios inferiores. INTLEX milita contra pés formados a partir de sílabas pertencentes a palavras diferentes (lexicais ou funcionais). Esta é uma exigência forte no PB. Violada por um pé contendo sílabas que pertencem a palavras diferentes, mesmo se uma dessas sílabas for uma palavra.

TROCHEE: *Todos os pés devem ter cabeça à esquerda* (Hayes 1995). Hayes (1995) propõe que os pés tenham cabeça à esquerda (troqueus) ou à direita (iambos). Na OT, a ocorrência desses tipos de pés é forçada por restrições de alinhamento. Utilizamos TROCHEE, que alinha a cabeça de um pé com sua fronteira esquerda. Violada por um pé cuja cabeça não seja sua sílaba inicial.

Apresentadas as restrições, é importante que se tenha uma visão intuitiva da dinâmica dos principais conflitos que se estabelecem entre elas, para que sua significação possa ser apreciada.

ALIGN conflita com FOOTBIN/BINGRAD porque a primeira restrição força a borda esquerda de cada pé a coincidir com a borda esquerda de uma palavra fonológica, gerando pés ilimitados, e a segunda restrição força a geração de pés binários, desconsiderando seu alinhamento com outros constituintes. Dado que ALIGN é uma restrição mais alta na hierarquia do PE do que FOOTBIN, esta variedade de português apresenta pés ilimitados. O oposto é verdadeiro para o PE. PARSE também conflita com FOOTBIN/BINGRAD quando uma palavra tem número ímpar de sílabas, já que neste caso é impossível a ocorrência de pés binários, apenas. Vale lembrar que o PE tem casos de dádilos iniciais. Este fato decorre de um empate entre PARSE e BINGRAD no ranking. Se um dádilo é gerado, BINGRAD é violada uma vez. Mas, se apenas pés binários são gerados em uma palavra com número ímpar de sílabas, PARSE é necessariamente violada. Dado que essas restrições são equivalentes na posição que ocupam no ranking, não importa qual das duas é violada. Se BINGRAD é violada, gera-se o dádilo ($\sigma \sigma \sigma$). Se PARSE é violada, gera-se o outro padrão atestado, ou seja, $\sigma \underline{\sigma} \sigma$. Em outras palavras, pode-se gerar a variação livre sem recorrer a regras de reestruturação. Vejamos, abaixo, o que se pode dizer sobre a possibilidade de apagamento de uma vogal.

Em oposição a ALIGN está também INTLEX, dado que esta última restrição requer que uma palavra funcional seja extramétrica, enquanto a primeira força a inclusão de uma palavra funcional no domínio do acento porque requer que a borda esquerda de cada pé coincida com a borda esquerda de uma palavra fonológica. No PB, palavras funcionais são sempre extramétricas, o que é garantido em nossa análise pelo posicionamento mais alto de INTLEX com relação a ALIGN, no ranking de restrições desta variedade. Em PE há variação, podendo-se acentuar uma palavra funcional ou a primeira sílaba de uma palavra lexical. Este resultado é garantido em nossa análise pelo não ranqueamento de INTLEX com relação a ALIGN em PE, e pelo posicionamento mais alto de TROCHEE no ranking. Como INTLEX e ALIGN ocupam a mesma posição no ranking, não importa qual das duas restrições é violada. Se ALIGN é respeitada, a palavra funcional é incluída no pé; se INTLEX é respeitada, a palavra funcional se torna extramétrica. TROCHEE garante que, em qualquer caso, a primeira sílaba do pé seja a sílaba-cabeça, gerando-se assim palavras funcionais acentuadas quando a restrição respeitada é ALIGN.

O conflito entre CLASHEXT e TROCHEE explica como se evitam choques acentuais entre palavras no PB. Observe-se, no entanto, que, dado que estas restrições estão em posições relativamente baixas no ranking, há ocorrências de choques acentuais entre palavras no PB. Em PE, por outro lado, já que TROCHEE ocupa posição mais alta, os choques acentuais através de palavras são mais frequentes.

Em seguida, temos MAXST que, com relação aos experimentos que conduzimos, aparece como não dominada por outras restrições. Há, no entanto, alguns casos de retração de acento primário em PB, conforme discutido em Sandalo & Truckenbrodt (2002). No sistema da OT, este fato pode ser capturado pela existência de outras restrições que não foram aqui consideradas e que dominam MAXST. Em desenvolvimentos futuros deste trabalho pretendemos explorar tais restrições.

É importante ressaltar que, seguindo os pressupostos da OT, usamos as mesmas restrições em diferentes hierarquias para derivar os padrões acentuais do PB e do PE. Há, no entanto, uma exceção parcial, a saber, FOOTBIN/BINGRAD. Todas as restrições, exceto esta, têm violações categóricas. FOOTBIN/BINGRAD é a manifestação de uma mesma restrição com duas diferentes maneiras de computar a violação. Enquanto as violações de FOOTBIN são computadas como categóricas, as violações de BINGRAD são gradientes. Vale lembrar que um pé longo será computado como uma única violação de FOOTBIN, enquanto para o número de violações cresce com o comprimento do pé. A forte preferência por pés binários em PB tem sido atestada em muitos trabalhos (Bisol 2000b, Wetzels 1997, Abaurre & Galves 1998, Collischonn 1993, Lee 1994, Massini-Cagliari 1995). Além disso, a análise dos nossos dados mostrou que FOOTBIN é uma restrição muito fraca para gerar os fatos corretos do PB, enquanto é muito forte para PE, mesmo quando em posição muito baixa na hierarquia.¹¹

Seguem-se as hierarquias que propomos para o PB e para o PE, respectivamente, seguidas pelos tableaux com as avaliações de alguns outputs:

```
MAXST: RIGHTMOST: CLASHINT >> INTLEX >> BINGRAD: PARSE: NOLAPSE
>> CLASHEXT >> TROCHEE >> ALIGN
MAXST: RIGHTMOST: CLASHINT >> TROCHEE >> ALIGN: INTLEX >> PARSE
>> CLASHEXT >> FOOTBIN: NOLAPSE
```

¹¹ Há uma controvérsia na literatura a respeito das restrições gradientes. McCarthy (2002) argumenta contra as restrições gradientes, mas a necessidade da gradiência tem sido frequentemente observada (ver Padgett 2002). As implicações desta escolha para a aquisição da linguagem restam por ser investigadas. Se se demonstra que as restrições gradientes são de fato uma necessidade, pode ser que a maneira específica (gradiente ou categórica) de computar violações de uma restrição não seja um conhecimento inato, mas algo adquirido através da exposição ao input. Em outras palavras, não consideramos FOOTBIN e BINGRAD duas restrições diferentes, uma vez que assumimos a hipótese segundo a qual a maneira como as violações são computadas não é parte do conhecimento inato. As restrições é que são inatas; há, portanto, apenas uma restrição militando a favor da binariedade.

(13) PB:

	M A X ST	R I G H T M O S T	C L A S S I F I C A D O	I N T E R M E D I O	B I N G U L A R	P A R S E	N O L A S S I F I C A D O	C L A S S I F I C A D O	T R O C H E	A L I G N
1. (a moderniza)(çãõ)				*!						
2. a (moder)(niza)(çãõ)					*!					*
3. a (moder)(niza)(çãõ)			*!							
4. a (modern)(zaçãõ)									*	*
5. a mo(derni)(zaçãõ)						*!			*	*
6. a (moderniza)(çãõ)					*!***					
7. a mo(derniza)(çãõ)					*!*					

É importante lembrar que, no PB, as palavras que contêm um número ímpar de sílabas podem ser alvos do apagamento rítmico de vogais. Como se mencionou anteriormente, uma forma como *modernização*, em PB, é problemática para a Teoria Métrica, porque, se o acento secundário resulta de uma alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas da direita para a esquerda na cadeia silábica que precede a sílaba portadora de acento primário, não haveria razão para o apagamento vocálico, uma vez que há quatro sílabas precedendo a sílaba com acento primário em *modernização*, e, portanto, uma alternância binária perfeita resultaria de um parseamento métrico. Nossa análise pode prever a forma atestada em uma análise prosódica. Um apagamento de vogal prosodicamente induzido faz sentido, se assumirmos que há uma restrição que força a binariedade na palavra como um todo (i.e. (mo dern)_Σ (za çãõ)_Σ)_Ω), e que não há necessidade de introduzir direcionalidade (i.e., da direita para a esquerda contando-se a partir do acento primário) para obter binariedade por meio de alternância perfeita entre sílabas fortes e fracas, conforme previsto pela análise da Teoria Métrica. Devemos lembrar também que, em nossa análise, os acentos primários não são atribuídos por meio da construção métrica de pés no léxico. Este pressuposto é para nós crucial, já que não assumimos uma restrição que milita a favor da binariedade e toma inteiras palavras como domínio, e não apenas sílabas pretônicas, como nas análises derivacionais. Em nossa análise, o acento primário é uma propriedade da sílaba, e é uma informação dada como parte do input. Os acentos primários não são apagados devido ao fato de que uma restrição de fidelidade aparece como não dominada na hierarquia. Portanto, o

pé que contém a sílaba lexicalmente marcada com um acento primário terá como cabeça esta sílaba portadora de acento primário. Pelo fato de os pés portadores de acento primário serem gerados pelo mesmo instrumento computacional, eles também sofrem pressão para ser binários. Este é um ponto importante da nossa análise, porque diferencia crucialmente uma análise em paralelo de uma análise derivacional.

Além disso, é importante notar que se o apagamento de vogal deixar de ocorrer (por exemplo, na fala lenta ou enfática) nossa análise prevê um empate, ou seja, a variação livre, como se pode notar nos outputs 3 e 5, o que corresponde à realidade.

A análise proposta pode também prever a variação livre atestada em PE:

MAXST: RIGHTMOST : CLASHINT >> TROCHEE >> ALIGN : INTLEX >> PARSE >> CLASHEXT >> FOOTBIN : NOLAPSE

(14) PE:

	M A X ST	R I G H T M O S T	C L A S H I N T	T R O C H E E	A L I G N	I N T E R P R E T E X	P A R S E	C L A S H E X T	F O O T B I N	N O L A P S E
a modernização										
1. (a moderniza)(ção)						*!			**	
2. a (moder)(niza)(ção)					*!					
3. a (moder)(niza)(ção)			*!							
☞ 4. a (moderniza)(ção)								*	*	
5. a mo(derni)(zação)					*!	*		*	*	

Finalmente, é importante notar que, ao construir um tableau na OT, introduz-se uma linha para cada output possível —no nosso caso, para cada divisão da seqüência de sílabas em pés. Os tableaux elaborados manualmente nunca são exaustivos. Testamos, portanto, nossa análise, por meio de um programa computacional, Sotaq desenvolvido por A. Mandel (IME/USP) com base em nossa proposta. É interessante notar que, embora um número extraordinariamente grande de outputs possíveis tenha sempre sido avaliado computacionalmente, somente um número relativamente muito pequeno foi julgado gramatical pelo programa Sotaq, o que corresponde aos fatos empíricos. Seguem-se, abaixo, alguns exemplos de outputs previstos por nossa análise:

PB:

MAXST:RIGHTMOST:CLASHINT>>INTLEX>>BINGRAD:PARSE:NOLAPSE>>CLASHEXT>>TROCHEE
>>ALIGN

A modernização foi satisfatória

|a |MOderni|zaÇÃO |FOI |SATisfa|TÓria

A inteligência da catalogadora foi determinante

|a |in|TEli|GÊNcia |da |CATA|LOGa|DORA |FOI |deTER|miNANte ~
|a |INTEli|GÊNcia |da |CATA|LOGa|DORA |FOI |deTER|miNANte

O investigador já devolveu o dinheiro

|o |INvesti|gaDOR |JÁ |DEvol|VEU o |di|NHEIRO

O organizador apresentou a catalogadora

|o |ORgani|zaDOR |aPRE|senTOU |a |CATA|LOGa|DORA

A falta de modernização é catastrófica

|a |FALta |de |MOderni|zaÇÃO |É |CATas|TRÓfica

PE:

MAXST:RIGHTMOST:CLASHINT>>TROCHEE>>ALIGN:INTLEX>>PARSE>>CLASHEXT
>>FOOTBIN:NOLAPSE

A modernização foi satisfatória

|A moderniza|ÇÃO |FOI satisfá|TÓria ~
|a |MOderniza|ÇÃO |FOI satisfá|TÓria

A inteligência da catalogadora foi determinante

|a |INTEli|GÊNcia |da |CATaloga|DORA |FOI determi|NANte ~
|A inteli|GÊNcia |da |CATaloga|DORA |FOI determi|NANte ~
|a |INTEli|GÊNcia |DA cataloga|DORA |FOI determi|NANte ~
|A inteli|GÊNcia |DA cataloga|DORA |FOI determi|NANte

O investigador já devolveu o dinheiro

|o |INvestiga|DOR |JÁ devol|VEU |o |di|NHEIRO ~
|O investiga|DOR |JÁ devol|VEU |o |di|NHEIRO

O organizador apresentou a catalogadora

|o |ORganiza|DOR |Apresen|TOU |a |CATaloga|DOrã ~
|O organiza|DOR |Apresen|TOU |a |CATaloga|DOrã ~
|o |ORganiza|DOR |Apresen|TOU a cataloga|DOrã ~
|O organiza|DOR |Apresen|TOU a cataloga|DOrã

A falta de modernização é catastrófica

|a |FALta |DE moderniza|ÇÃO |É catas|TRÓfica ~
|a |FALta de moderniza|ÇÃO |É catas|TRÓfica ~
|a |FALta |de |MODerniza|ÇÃO |É catas|TRÓfica

4 Conclusão

Este trabalho argumenta a favor de uma análise representacional para a acentuação secundária na língua. Tal análise é considerada preferível a uma análise derivacional pelos seguintes motivos, já apontados anteriormente: (i) ela gera os fatos do português do Brasil e do português europeu sem que seja necessário postular casos de neutralização absoluta; (ii) ela não força o uso da noção de direcionalidade, implicando, dessa forma, uma simplificação da teoria fonológica; (iii) ela é capaz de prever a variação.